

Multa para quem suja a cidade

07 MAI 1996

A decisão do governo do Distrito Federal de tornar Brasília uma cidade limpa, com base na rigorosa aplicação da lei que prevê multas para pedestres e motoristas que jogarem lixo nas ruas, é um exemplo que deveria ser seguido pelos governantes de todas as grandes cidades, a começar por São Paulo, onde a sujeira já se transformou num problema de grandes proporções. Tal como foi montada, a operação destinada a limpar Brasília tem tudo para atingir esse objetivo num espaço relativamente curto de tempo.

Tendo em vista o nível médio de renda da população, as multas são razoáveis — R\$ 20,00 para os pedestres e R\$ 80,00 para os motoristas “porcalhões” — e capazes de inibir o mau hábito de sujar as ruas. Mas o mais importante é a determinação que o governo brasileiro está demonstrando de fiscalizar a aplicação da lei, porque é isto que faz falta entre nós. Em muitos casos temos boas leis, das quais os governantes nem se lembram. Além de treinar até julho 300 fiscais para esse trabalho, o governo brasileiro deve assinar nos próximos dias convênios com a Polícia Militar e o Detran para que possam ajudar na aplicação das multas. E, para não haver a desculpa de que não há onde jogar o lixo, até o final de 1998 deverão ser colocadas na cidade 5 mil lixeiras.

Esse conjunto de medidas aponta o caminho a seguir para cidades como São Paulo. Aqui também existe uma lei destinada a punir os que sujam as ruas — a Lei nº 10.315, de 1987, sancionada pelo então prefeito Jânio Quadros. Ela é até severa demais — e este talvez seja o seu defeito — pois prevê multa de 20 UFMs (cerca de R\$ 789,00) para quem jogar papel, casca de fruta ou maço de cigarros nas ruas e calçadas e de até 100

UFMs (cerca de R\$ 3.969,00) para os que deixarem entulho e restos de construção nas ruas. Para fazer cumprir essa lei há apenas 22 fiscais do Departamento de Limpeza Pública (Limpurb) da Prefeitura.

Aquilo de que São Paulo precisa é de uma lei que preveja multas mais razoáveis e de um número de fiscais muitas vezes maior, além de convênios semelhantes aos feitos em Brasília com a PM e o Detran. Não dá para entender por que providências como essas ainda não foram tomadas, porque o prefeito Paulo Maluf tem perfeita consciência da importância do problema, tendo chamado a atenção para ele várias vezes nos últimos meses, com inteira razão.

Pesquisa feita recentemente a pedido da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública (Abrelp) mostrou que nada menos que 68% dos paulistanos preferem jogar nas ruas e não nas lixeiras espalhadas pela Cidade os mais variados tipos de objetos. O resultado é que os varredores retiram diariamente das ruas, calçadas e praças cerca de 10% de todo o lixo produzido todos os dias em São Paulo — 12 mil toneladas. Essa enorme quantidade de lixo entope bueiros e galerias pluviais, polui rios e córregos e concorre para agravar o problema das inundações.

O problema do lixo jogado nas ruas em São Paulo — sobre cuja gravidade esses números não deixam dúvida — é de natureza cultural, ligado à educação da população. Para reeducá-la é preciso, ao mesmo tempo, campanhas de esclarecimento e o castigo das multas. É assim que os países desenvolvidos conseguem manter limpas suas cidades. Brasília parece ter aprendido a lição e, por isso mesmo, é um exemplo a ser seguido.